

guerreiro das trevas  
parte 1  
sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

*Para Ian, que é o homem mais forte que conheço.  
A tua viagem está apenas no início, mas irás  
longe. Ouve o que te digo.*

*E para Madaug e Cabal.*

*Para Steven que atravessou os fogos do inferno  
e regressou deles ainda mais forte, e que se  
erguerá, como uma fénix, a alturas sem paralelo.  
Nunca deixes que os outros te digam quem és.  
Tu sabes quem és e desafiarás todos os que se  
atrassem no teu caminho.*



*Guerreiro*  
*das*  
*Trevas*

PARTE I



## MADRUGADA ESTÍGIA

**AS LÁGRIMAS** cegavam Braith enquanto esta fitava através das grades para ver o que tinham feito ao seu outrora orgulhoso marido. Ainda que todos os seres Sefhirii fossem etéreos e belos, nenhum o era mais do que o seu precioso Kissare. No entanto tinham-no espancado quase até à morte. Haviam-lhe cortado as asas brancas do corpo musculado, deixando-o uma sombra quebrada do guerreiro feroz que fora.

Ainda assim, o fogo da vida regressou ao seu olhar guerreiro, mal a viu, por entre o cabelo branco e empapado. Um cabelo empíreo que contrastava fortemente com o cabelo negro dela.

— Apollymi — sussurrou ele, usando o termo caloroso que, na sua língua, significava «a luz do meu coração».

Desde o dia em que se conheceram que ele se recusava a chamar-lhe qualquer outra coisa. Ao contrário de outros que a haviam desprezado e ridicularizado como sendo um monstro a temer, apenas Kissare a conhecia como algo mais do que o coração da mais absoluta escuridão, capaz de devorar o mundo inteiro, e rir-se enquanto o fazia.

E tinham razão. Ela odiava tudo e todos.

Exceto Kissare.

Ele sorriu-lhe apesar da dor.

— Não devias ter vindo aqui.

— Tinha de vir. — Sufocada pela dor, ela tomou o rosto dele através das grades. — Droguei Atticus e roubei a chave. — Braith soltou-o para poder

retirar a chave de entre as pregas do seu manto e destrancar a prisão para o libertar. — Podemos...

— Não — disse ele, interrompendo-a. Kissare pousou a mão ensanguentada e ferida sobre a dela e impediu-a de o libertar. — Não posso partir. É a única forma de te proteger e a Monakribos.

Braith soluçou perante a referência ao seu jovem filho, que adormecia a chorar todas as noites, enquanto perguntava pelo pai ausente. Kissare e Monakribos eram muito próximos. Desde o nascimento de Monakribos que Kissare tinha estado presente. Nunca falhara uma noite que fosse a deitar o filho para dormir — a menos que o pequeno tivesse já adormecido, aninhado nos braços do pai.

Até os deuses terem descoberto que Kissare era o pai do filho dela.

Maldito fosse o irmão de Kissare pela sua língua solta e traiçoeira! Uma língua que ela pregara ao teto pela traição que levava à prisão de Kissare.

Não satisfeita, pregara igualmente os testículos de Tisahn ao lado da língua, enquanto ele gritava por uma misericórdia que ela se recusara a mostrar-lhe. Depois fizera crescer mais um par de testículos, só para lhos poder arrancar e pregar igualmente ao teto. Fora uma pena que a débil criatura tivesse morrido antes de ter a oportunidade de lhe fazer crescer um terceiro par.

Ainda pior, a sua patética irmã escondera o cadáver para que Braith não o pudesse trazer de volta à vida e torturar mais algum tempo...

Maldita cabra! Um dia, vingar-se-ia de Cam por aquilo, nem que fosse a última coisa que fizesse.

Embora os deuses pudessem ter filhos com as Sefhirii, ou quaisquer outras prostitutas que decidissem arrancar dos fossos mais fundos, era considerado um sacrilégio que um Sephiroth engravidasse a deusa que servia.

Mas, no seu coração, Braith amara apenas Kissare e o filho de ambos. Em todos aqueles séculos, apenas Kissare a fizera rir. A sua companhia fora a única que alguma vez procurara. Sempre que se sentira infeliz, ele reconfortara-a. Sempre que ela precisara de um amigo, ele estivera presente. Sem desculpas. Sem demoras.

O seu melhor amigo.

O seu *único* amigo.

Agora...

— Não sei como viver sem ti, Sare. Não *quero* viver sem ti.

— Chiu — sussurrou ele, antes de depositar um terno beijo no rosto dela. — Tu és uma deusa. A mais bela de todas. Viveste séculos antes do meu nascimento e estavas bem sem mim.

— Não. Sobrevivi e persisti. Era fria e insensível. A última coisa que quero é ser de novo lançada para esse inferno solitário que costumava considerar o meu lar.

— E agora tens um bebé que precisa da sua mãe.

Ela refreou um soluço.

— Também precisa de um pai. — Como poderia o filho aprender sobre a bondade sem Kissare? Ela nada lhe poderia ensinar a não ser homicídio, tortura e ódio.

Isso era tudo o que ela compreendia.

Ele enterrou as mãos no cabelo escuro dela e fixou nela o olhar.

— Os outros deuses jamais nos deixarão em paz, Polli. Sabes disso. Quebrámos a sua lei sagrada, e eles são uma multidão carregada de ódio. A minha execução compensará o ato. É melhor que me castiguem apenas a mim, do que a ti e a Kree... Mas eu regressarei a ti. Juro-o. Aconteça o que acontecer. A morte não nos poderá manter afastados. Nada poderá. Amo-te demasiado para ficar longe.

Apesar da dor, Braith acreditou nele. Se ele o dizia, era verdade. Ele nunca lhe mentira. Não era próprio dele fazê-lo.

— Como saberei que és tu?

Kissare tomou a mão dela na sua e pousou-a sobre o peito, para que ela sentisse o feroz e forte bater do seu coração.

— Sabê-lo-ás, e não duvidarás de mim. Nunca. Vais ver.

— Então esperarei por ti. Mais nenhum me tocará. Serás para sempre o meu coração. — Braith tornou o seu cabelo branco, tal como o dele, para o honrar e ao seu nobre sacrifício.

Por ela e pelo filho de ambos.

Nunca mais o seu cabelo assumiria qualquer outra cor, e vestir-se-ia de negro — para marcar a sua escuridão — até ao regresso dele.

Ele dirigiu-lhe um sorriso triste.

— Serás para sempre a minha preciosa Apollymi. — Kissare beijou-lhe os lábios. — Agora vai, antes que te encontrem. Cria o nosso filho e nunca permitas que duvide do quanto o pai o ama. Um dia, regressarei para ambos. Podes contar com isso.

Braith sentiu que o coração se partia em mil pedaços, enquanto acenava e lhe largava a mão.

— Esperarei por ti! Para sempre! — Ela virou-se e afastou-se, temendo o futuro. E sabendo o que faria se os deuses se atrevessem a mantê-los afastados.





25 DE JUNHO DE 9527 A.C.

**APOLLYMI**, a Grande Destruidora, irrompeu das profundezas da sua prisão infernal para incendiar toda a Terra, determinada a queimá-la e a devolvê-la à sua lama primordial.

A raiva que sentia era implacável.

E ninguém lhe era imune.

As ondas abateram-se sobre os continentes e fizeram-nos afundar até às profundezas dos oceanos de um dia para o outro. Nuvens negras esconderam o Sol. Toda a vida sobre a terra humana estava ameaçada de extinção.

Até os deuses tremiam de medo.

Porquê? Porque esses deuses antigos se tinham unido uma vez mais para lhe tirar a única coisa que amava acima de tudo. Mais uma vez. Aquele por cuja salvação lhes permitira que a trancassem numa prisão.

O seu segundo filho.

A criança solitária que escondera no mundo dos homens, na esperança de o poupar à sua crueldade e à morte.

E como o irmão antes dele, fora perseguido pelos deuses. Não lhe fora mostrada qualquer misericórdia.

Qualquer gentileza.

Em vez disso, o seu próprio panteão permitira que a humanidade abusasse dele e fizeram os possíveis por persegui-lo até o terem assassinado brutalmente logo depois da véspera do seu vigésimo primeiro aniversário.

Como com Monakribos antes dele, fora privado do amor do pai.

Privado da proteção da mãe.

Agora...

Ela teria a sua vingança!

Numa furiosa demanda sangrenta por expiação, Apollymi lançara-se primeiro sobre o seu panteão, aniquilando todos os deuses que tinham amaldiçoado o seu filho.

Até ter chegado às duas últimas em Katateros.

Aí, a deusa antiga enviou a força dos seus ventos para lançar Symfora e a filha, Be'anya, para o luminoso *foyer* da teocrópole onde os deuses atlantes haviam realizado outrora as suas festas imaculadas, e os seus encontros que tinham determinado o destino da humanidade, juntamente com os dos filhos e do marido que Apollymi tanto amara. Perseguiu-os como a predadora que era, determinada a alimentar-se das suas almas pelo que haviam feito.

— Vocês mataram-no! Todos vocês!

Symfora — a deusa da morte e da tristeza, cujos cabelos eram tão negros quanto os de Apollymi tinham sido antes de os deuses terem interferido com o seu primeiro e único amor — abanou a cabeça.

— Não matámos o teu filho. Ele ainda vive.

Semicerrando os seus olhos prateados, redemoinhantes, enquanto o cabelo branco lhe envolvia o corpo esguio, Apollymi revirou o lábio.

— O meu Apostolos foi assassinado esta manhã pelo deus grego que *tu* convidaste para as *minhas* terras. — Um deus que lhe matara o filho e depois amaldiçoara todos os *apollite*, condenando-os a uma morte dolorosa aos vinte e sete anos.

Os olhos de Symfora abriram-se numa expressão de terror.

— Eu *nunca* acolhi Apolo aqui. Essa foi uma decisão tomada por ti e por Archon.

— Cala-te! — Apollymi fê-la desaparecer para sempre, por dizer uma verdade que a trespassava com um sentimento de culpa. Recusava-se a ser culpada pelo que acontecera ao filho.

Os deuses tinham traído os dois filhos dela, Monakribos e Apostolos! E estava farta deles.

Agora sozinha, depois do destino da mãe, Be'anya fitava Apollymi sem qualquer apoio. A sua escura pele cor de caramelo empalideceu. A deusa atlante da ira, da miséria e da caça era a última de pé.

Seria a última a cair.

Mas quando Apollymi estendeu para ela a mão, apercebeu-se do ventre

distendido de Bet'anya e hesitou. A deusa, muito mais nova do que ela, estava grávida. Prestes a dar à luz a qualquer momento, pelo que via.

Nesse instante, raiva e dor guerreavam no seu coração. Acima de tudo, compaixão ao sentir a dor de uma mãe que perdera o filho não uma, mas duas vezes. Como podia ela aplicar a outra tão grande dor?

Apesar da respiração entrecortada, Bet'anya fitava-a, sem medo ou logro. De todas as deusas em Katateros, esta era, de longe, a mais bela. Meia egípcia e meia atlante. As suas feições exóticas eram finamente cinzeladas, e tinha um espesso cabelo cor de ébano que lhe realçava os olhos amendoados na perfeição. Apollymi conseguia perceber o porquê de os egípcios lhe chamarem Bethany. Em atlante, Bet'anya significava «guardiã da infelicidade», mas, na língua do pai, Bethany significava «promessa de encanto».

Uma alcunha muito mais adequada a uma criatura tão enfeitiçante.

— Não encarcerarei nem cacei o teu filho, Apollymi. Não participei da crueldade deles. A única vez que pensei ter visto o teu filho no reino humano fui ter contigo com essa informação, não com os outros. Nunca lhes disse uma palavra contra nenhum de vocês. — As lágrimas sufocavam-na. — Sabes que é verdade. Vim aqui hoje para deixar este panteão para sempre, para que pudesse ter o meu próprio bebé em paz, longe das suas políticas. Por favor, não me faças aquilo que não te fiz a ti.

A rapariga tinha razão e Apollymi sabia-o. Por muito que desejasse o sangue de Bet'anya, não podia matar mais um bebé inocente. Especialmente *naquele* dia. Não enquanto o solo ainda estava húmido e manchado com o sangue do seu próprio filho.

— Quem, de entre os deuses, é o pai?

— O pai é mortal. Humano.

*Humano...*

Eis algo que Apollymi jamais teria desconfiado, vindo de uma deusa que ela sabia odiar aquela espécie nojenta ainda mais do que ela.

— O seu nome?

— Styxx de Didymos.

Por um momento, Apollymi não conseguiu respirar enquanto a sua raiva assumia um vigor sem precedentes.

De todos os mortais, de *todo* o mundo, *aquela* não era o nome certo para lhe apresentar.

Não naquele dia.

Não depois de ter visto, através dos olhos do filho, a vida que ele vivera e o que lhe fora feito por causa de *Styxx de Didymos...*

Maldito! Pois Styxx era o príncipe que ela escolhera unir ao filho para o proteger dos deuses que estavam determinados a matar o seu precioso Apostolos. O gêmeo humano que deveria ter protegido o filho dela e o seu direito por nascimento!

Em vez disso, Styxx permanecera impassível e permitira que o filho dela fosse chacinado e traído. De todos os homens, aquele era o humano cuja garganta ela mais desejava desfazer pessoalmente!

Sentiu que os olhos mudavam de prata para vermelho enquanto a forma da Destruidora se apoderava dela.

Bet'anya recuou, aos tropeções, e envolveu a barriga com os braços para proteger o bebé.

— Por favor, Apollymi... o meu bebé é inocente.

— Também... o... meu!

Os dois. E, no entanto, os seus filhos tinham recebido sentenças de morte pelos deuses.

Todos eles.

Antes de se conseguir impedir, Apollymi reagiu por instinto.

E ofereceu à deusa o mesmo tratamento que o seu panteão lhe dispensara.

Num piscar de olhos, arrancou o filho de Bet'anya da barriga desta, com um grito furioso.

Bethany cambaleou e caiu de joelhos. Arquejando, fitava o filho imóvel nas mãos de Apollymi e tentou alcançá-lo para lhe tocar.

Mas Apollymi não lho permitiria. Ninguém lhe mostrara a mínima misericórdia. Nem por uma vez.

Por isso, respondeu na mesma moeda. Lançou Bet'anya para longe e transformou a cabra numa estátua, como fizera aos restantes. Ela que permanecesse para toda a eternidade num vazio insondável, onde fosse capaz de ouvir e ver, mas jamais se pudesse mexer ou fazer parte de um qualquer mundo. Era o que todos mereciam pelo que lhe haviam feito.

Pelo que haviam feito aos seus filhos.

Depois, Apollymi baixou os olhos para o bebé minúsculo que tinha nas mãos e pensou em descartá-lo como haviam feito ao seu filho.

Lançá-lo ao mar como se fosse lixo. Sem pensar duas vezes, para que morresse.

Mas por ser filho de Styxx, era como se tivesse nas mãos o seu próprio filho. Parecia-se tanto com o seu Apostolos.

Era idêntico na verdade. Todo ele era igual. Os dedinhos das mãos e dos pés.

Os lábios que nunca tinham tido a oportunidade para lhe chamar mãe...

As lágrimas encheram-lhe os olhos quando recordou o dia, há vinte e um anos, em que Apostolos lhe fora arrancado do ventre e levado para longe dela. Tão pequeno e frágil.

Apenas um bebé inocente a precisar de amor...

E lembrou-se de quando Monakribos era assim, pequeno e doce. Quando tudo o que fizera fora implorar pelo amor do pai, depois de o terem levado de ambos e os terem deixado perdidos na sua dor. Impotentes para impedir que o mundo os esmagasse com a sua crueldade.

— Tal como tu — sussurrou ao bebé. — Também eles eram impotentes. Ninguém se apiedara deles.

Pelos seus filhos, e apenas por eles, permitira que os seus poderes fossem refreados. Permitira que os deuses a trancassem numa prisão escura, vazia, até ter perdido a pouca sanidade que lhe restava.

As lágrimas formavam cristais no rosto dela enquanto caíam silenciosamente e a dor lhe dilacerava um coração que ela nunca quisera ter.

*Maldito sejas, Kissare, por me teres feito sentir o amor.*

Por causa dele, a deusa da destruição tinha sentimentos. O seu coração estava estilhaçado e ela estava destruída. E por muito que odiasse Styxx de Didymos, não se conseguia obrigar a matar aquele bebé que se parecia tanto com a criatura que o gerara.

Um bebé que se parecia tanto com o seu precioso Apostolos que não deveria ter morrido tão jovem.

De forma tão brutal.

As lágrimas cegaram-na enquanto ela se esforçava por respirar para lá da dor que lhe dilacerava o coração.

*Proteger-te-ei, pequenino. Crescerás e tornar-te-ás um homem forte e bom.*

— Da escuridão vem a luz. Nasceste das profundezas do inferno estígio e Urian será o teu nome, serás a chama do nosso novo povo. E, um dia, serás a minha espada. A minha vingança sobre todos eles. Tiraram-me o meu filho e eu tirar-lhes-ei os deles. Juntos, minha preciosa Chama, destruiremos a raça humana, e todos os deuses desta terra.

Mas, primeiro, teria de renascer na terra dos mortais e da barriga de uma mãe que não faria ideia de quem ou do que transportava...

De qual seria, um dia, o destino daquela criança.

E Apollymi sabia exatamente quem seria a sua mãe temporária. Que pai seria o melhor para o orientar até à idade adulta.

Sim, o mundo dos homens estremeceria perante todos eles.

26 DE JUNHO DE 9527 A.C.

*Madrugada*

**STRYKERIUS** Apoulos estremeceu de horror ao ouvir os gritos de milhares de *apollite* que morriam na mais absoluta agonia. Porque não lhes tinham dado ouvidos quando lhes dissera que se abrigassem, e prestassem atenção aos avisos dos sacerdotes e sacerdotisas?

Porque ninguém acreditava que o seu criador se virara contra eles por causa de algo em que não haviam participado. Algo de que eram inocentes.

Continuavam a acreditar num deus que os odiava. Um que não só lhes virara as costas, como os amaldiçoara com indiferença.

Lançando a cabeça para trás, Stryker rugiu perante a injustiça de tudo aquilo. Como poderia toda a raça *apollite* ser condenada devido às ações levadas a cabo por uma mera mão-cheia?

No entanto, era isso que enfrentavam.

A completa extinção.

Às mãos do *seu* próprio pai. Aniquilação brutal devido a uma prostituta chacinada que o seu pai praticamente não conseguia tolerar. Uma capaz de levar um santo ao desespero. Era tão injusto.

— Stryker?

Ele estremeceu ao ouvir o som da esposa que o chamava. Embora ela fosse a beleza encarnada, de cabelo louro, olhos azuis, feições e curvas perfeitas que provocavam a inveja de todas as mulheres alguma vez nascidas, incluindo a tia Afrodite, ele estremecia de cada vez que Hellen se aproximava. Não porque não a considerasse desejável, mas porque nunca quisera casar

com ela. No entanto, para apaziguar o seu pai olímpico que amaldiçoara a sua raça, ele abandonara a mulher que amava verdadeiramente. Deixara-a a lançar imprecações sobre o seu nome para que pudesse apaziguar o pai tomando Hellen como esposa e deixando Phyra para sempre.

Lá se fora o encanto matrimonial. E as obrigações familiares.

— Stryker, vem depressa! Por favor! Há algo de errado com as crianças!

O terror apoderou-se dele perante o pânico que lhe ouviu na voz.

Não! Decerto o pai poupou os seus próprios netos...

*És algum idiota? Desde quando é que Apolo se importa contigo, ou com os teus filhos?*

Era verdade, e ainda assim Stryker não queria acreditar que o pai pudesse ser assim *tão* irrefletido.

Ou estúpido.

Ainda que o pai pudesse não querer saber dele ou dos seus filhos, decerto Apolo não era suicida...

Se ele e todos os seus filhos morressem, o mesmo aconteceria com o deus que unira a vida deles à sua.

Era nisso que estava a pensar quando entrou no berçário e descobriu os filhos a contorcer-se e a vomitar. Os seus pequenos corpos estremeciam enquanto soluçavam e gemiam numa agonia absoluta. Era uma dor que conhecia bem, e pela qual passara, ele mesmo, poucas horas antes, ao realizar a transição para o monstro em que o pai o transformara.

As lágrimas acumularam-se-lhe nos olhos ao ver a cruel verdade que não podia negar.

O pai odiava-os a todos, sem misericórdia ou compaixão.

— Selem as janelas! Já — rosou Stryker à esposa grávida e às duas criadas que a ajudavam.

Estas correram a obedecer às suas ordens.

Se os raios do Sol que despontava lhe tocassem nos filhos, matá-los-iam de imediato. Pois essa fora a maldição do seu pai Apolo. A partir dali a *apollite* algum seria autorizada a entrada no domínio do deus grego. Se Apolo apanhasse alguém que possuísse nem que fosse uma gota do seu sangue à luz do dia, poderia queimá-lo até aos ossos e matá-lo instantaneamente.

Porquê? Porque a rainha *apollite*, a mãe biológica de Stryker, num acesso de ciúmes, ordenara a morte da amante grega de Apolo e do filho bastardo que ela gerara com o deus grego. Como castigo pelos crimes atrozes da rainha, Apolo amaldiçoara todo o seu povo a alimentar-se do sangue uns dos outros — estavam condenados a não conhecer outro alimento.



Mas o pior de tudo... *apollite* algum voltaria a viver para lá do seu vigésimo sétimo aniversário. Ainda que agora envelhecessem mais depressa do que os humanos a partir do seu nascimento, na manhã do seu vigésimo sétimo ano, o seu ciclo de envelhecimento aceleraria ainda mais e, chegados ao final do dia, morreriam dolorosamente devido à propecta idade e decairiam em pó.

Sem exceções. Sem alternativas.

Qualquer criatura que tivesse nem que fosse uma gota de sangue *apollite*.

Essa era a ordem do seu pai. E aplicava-se a todos eles.

Incluindo Stryker e os seus filhos — os netos de Apolo.

Horrorizado, tomou os quatro filhos pequenos nos braços para os reconfortar, ainda que fosse impossível encontrar conforto.

— Chiu — sussurrou.

Como ele e a mãe deles, tinham cabelos de um louro muito claro, pele bronzeada e faces luminosas. Dizia-se que eram o orgulho do avô, que agora lhes virava as costas.

Hellen mantinha a filha, Dyana, contra o seu ombro. E pensar que lhe tinham dado o nome em honra da tia de Stryker, Ártemis — a irmã gémea de Apolo. Esse pensamento dava-lhe agora a volta ao estômago. Como podia ele ter um dia honrado um qualquer elemento da família paterna?

*Não irei contra o meu irmão, Strykerius. Nem mesmo por ti. Não voltes a pedir-mo.*

Como odiava aquela cabra olímpica pelo seu egoísmo. O seu único desejo, agora, era que Ártemis um dia perdesse algo que considerasse tão querido como ele considerava os seus filhos.

— *Baba!* — gemeu Arquimedes, enquanto segurava o estômago e era agitado por convulsões. — Dói muito!

— Eu sei, *m'gios*. — Ele beijou a testa do filho e embalou-o num esforço para acalmar a sua dor. — Respira.

Theodorus não disse uma palavra, enterrando o rosto nas pregas do manto de Stryker e chorando ainda mais. Também os seus irmãos gémeos, Alkimos e Telamon, soluçavam e gemiam. Os seus caracóis estavam húmidos e emaranhados devido ao suor, enquanto se agarravam a ele suplicando pela vida.

As feições de Hellen empalideceram tanto quanto o seu cabelo.

— Também foram amaldiçoados, não foram?

O olhar de Stryker caiu sobre a sua filha pequena, que era uma cópia exata da bela mãe. De estômago apertado, acenou com a cabeça enquanto via

os olhos pálidos de Dyana tornarem-se escuros e os dentes dos seus filhos alongarem-se num par de presas como aquelas que lhe haviam crescido poucas horas antes.

Dado que os seus filhos tinham passado todo o dia sem se transformarem, e dado que a esposa era grega e não partilhava do seu sangue atlante, Stryker presumira que o pai havia poupado os netos à maldição. Como pudera ser estúpido a ponto de pensar, por um minuto que fosse, que o pai se teria importado.

Hellen emitiu um uivo dilacerante quando se apercebeu de que os seus filhos jamais poderiam voltar a ver a luz do dia sem que esta os matasse.

Ou comer comida a sério.

Que Stryker a deixaria viúva em apenas seis anos, e que ela se veria reduzida a implorar nas ruas uma misericórdia que ninguém lhe daria. Porque ele fora amaldiçoado pelos deuses, e ela era a mãe dos seus filhos, todos a odiariam. Os *apollite* porque ela era grega e os gregos porque ela casara com um *apollite* e tivera filhos com ele. As pessoas eram sempre cruéis. Ambos o sabiam bem.

Pela primeira vez, Hellen fitou-o com raiva nos seus pálidos olhos azuis.

— Porque teve a tua mãe de enviar os seus soldados para chacinarem Ryssa e o filho?

— Porque o meu pai foi um idiota infiel e mulherengo! — e Apolo não se dera ao trabalho de dizer à rainha Xura que Stryker estava vivo e bem, criado na Grécia pelos seus sacerdotes. Em vez disso, Apolo deixara que Xura acreditasse que Stryker fora morto pelos deuses porque temiam que ele pudesse ser a criança da profecia da deusa Apollymi, destinada a derrubar o seu panteão. Donde o facto de Xura ter tantos ciúmes por o filho de Ryssa ter sido autorizado a viver quando o dela fora «morto».

Só Stryker para ter dois progenitores tão irrazoáveis. A resposta da mãe aos ciúmes não fora simplesmente matar Ryssa. Oh, não, tinha sido estraçalhá-la e ao filho. E o pai não se satisfizera em matar Xura e os seus soldados como forma de retaliação.

Não, nunca poderia fazer algo assim tão simples.

O deus da moderação tinha perdido a cabeça e atacara toda a raça *apollite*, como se esta tivesse sido culpada pelo homicídio. E uma vez proferida uma tal maldição, não havia como desfazê-la.

Nunca. Como Stryker depressa aprendera, como todos os deuses e sacerdotes concordaram.

A palavra de Apolo era final.

— Estamos condenados — sussurrou Stryker baixinho. Ninguém o ajudaria. Ainda que nunca se tivesse iludido pensando que estivesse rodeado por algo mais do que um bando de idiotas egoístas, aquilo mais do que o confirmava.

Todos se preocupavam apenas consigo mesmos. Só eram seus amigos até ele olhar para o outro lado. Pegavam no que podiam e partiam, e rapidamente esqueciam aquilo que lhe deviam. Aquilo que ele fizera por eles.

Sentiu-se mareado perante o horror de tudo aquilo ao olhar para o ventre distendido de Hellen. A qualquer minuto daria à luz mais um filho. Com os seus poderes *apollite*, conseguia sentir a força da alma do rapaz a agitar-se.

Uma criança amaldiçoada.

E isso inflamou-lhe a raiva a um nível perigoso.

*Que se lixe!* A sua raiva indignada renovava o seu veneno.

— Não vou deixar que isto aconteça!

Salvaria os seus filhos, independentemente do que fosse preciso.

Hellen ergueu para ele os olhos.

— O que estás a dizer?

Stryker entregou os filhos à mãe.

— Eu já volto.

Ela ficou de queixo caído.

— O Sol está a nascer. Onde vais?

— Descobrir uma forma de sair deste pesadelo.

Ela abanou a cabeça enquanto a sua pele empalidecia ainda mais.

— Mas...

Stryker ignorou a histeria na voz dela e continuou a andar. Ao contrário do que ela poderia pensar, ele não avançava para o suicídio.

Mais cedo, tinha tentado abordar todos os deuses gregos que conhecia. Embora fosse família, todos lhe haviam virado as costas dizendo que não havia nada a fazer.

E, no entanto, uma outra deusa o chamara. Presumindo que se tratava de um grito de vingança da parte dela, ignorara o seu chamamento por medo. Não podia ser senão uma armadilha retaliatória. Afinal de contas, porque haveria ela de o ajudar quando a sua própria família se recusava a fazê-lo?

O desejo dela de lhe arrancar a cabeça era razoável. O panteão do pai destruíra o dela e amaldiçoara o seu povo à morte. Fazia sentido que ela quisesse destruir o filho de Apolo para se vingar do deus. Ela não tinha como saber que Stryker era odiado e desprezado pelo seu próprio pai.

Mas agora tudo era diferente. E ele estava suficientemente desesperado para correr o risco de que ela estivesse disposta a fazer mais quando todos os outros ignoravam o seu destino.

Aquela era a melhor esperança que tinha.

Na verdade, era a única esperança.

E já não tinha mais a quem recorrer.

Ninguém o queria. Ninguém se preocupava.

*Estou sozinho neste mundo.*

*Por outro lado, não estamos todos?*

Assegurando-se de que permanecia nas sombras e não era tocado pela luz do dia, avançou através da ilha luxuosa que era a sua casa e que outrora amara. Agora odiava-a devido à aliança com o pai. Mas sentiu-se grato porque outrora pertencera aos Atlantes antes de os Gregos terem conquistado aquele paraíso e o terem tomado para si. Porque naquele dia necessitava dessa ligação aos deuses primeiros.

Não que restasse muito. A maior parte dos seus antigos edifícios e templos tinha sido destruída — arrasada durante as batalhas e como demonstração posterior do poder grego.

Tudo com exceção de uma pequena casa que nem mesmo Apolo se atrevera a tocar.

Apollymia.

Dizia-se que estava sob a proteção da grande Apollymi. A deusa da destruição era de tal modo reverenciada e aterrorizante que os temerosos gregos tinham permitido que a natureza reclamasse a sua querida casa. Porque todos, deuses e humanos, temiam a deusa. Mesmo depois de esta ter sido derrotada, nem uma só pedra ou objeto fora pilhado ou destruído. Deixada completamente intocada, era como uma cápsula do tempo, completamente vazia tal como no dia em que os gregos tinham chegado e os atlantes a haviam abandonado.

Tristemente, o tempo não fora gentil com as estruturas que tinham cedido ou sido invadidas por ervas e arbustos.

Quando era rapaz, Stryker costumava correr e brincar através das ruínas, procurando alguma ligação com a mãe e o seu povo, ansiando por conhecer algo desse lado do seu sangue.

Certo dia enquanto explorava, descobrira um templo esquecido da deusa que outrora protegera aquele local. Por motivos que desconhecia, fora frequentemente sentar-se ali e conversar com a deusa que o ignorava tanto quanto o pai. Ainda assim, quando era pequeno, não pudera deixar de se

perguntar o que teriam feito as pessoas da ilha para que Apollymi as abandonasse. Fora arrogância? Negligência?

Ou um simples capricho divino que a levava a virar as costas ao seu próprio povo?

No caso de Apolo, não fora preciso muito para que ele abandonasse aqueles que o adoravam.

Stryker esperava que não fosse esse o caso de Apollymi. *Por favor, sê melhor que o meu pai...*

Aterrorizado com a possibilidade de que ela não o fosse, Stryker rezou com ainda mais afincos para que o seu chamamento não fosse uma armadilha. Que talvez, contra todas as probabilidades, ela aparecesse em seu auxílio apesar do modo como os outros a haviam tratado. Decerto, a deusa atlante da destruição odiava o pai tanto quanto ele...

O seu ódio aos Gregos era lendário.

Stryker mal alcançara as ornamentadas portas de ouro do velho templo quando o sol o começou a queimar.

Com as pernas a arder, empurrou as portas que objetaram contra a sua entrada num desafio teimoso que parecia determinado a fazê-lo entrar em combustão nos seus degraus. As dobradiças enferrujadas gemiam poderosamente devido a décadas de falta de uso, negligência e decadência. Mas não ia deixar que elas o vencessem. Ainda mais teimoso do que as portas, empurrou com mais força até que estas cederam, depois correu para a escuridão calmante que lhe socorreu os olhos dilacerados e a pele escaldada.

Sem fôlego, usou o manto para apagar a pele que ardia, borbulhava e fervia. Silvou perante as feridas purulentas que sangravam nas pernas e que, sem dúvida, deixariam violentas cicatrizes. Assim fosse. Sararia.

Com uma careta de dor, amaldiçoou uma vez mais o pai e desejou que o sacana morresse mil vezes.

— Que asses no Tártaro, excremento de rato! — A sua voz ecoou, levando vários pássaros a levantar voo e outros animais em que não queria pensar a correr em busca de abrigo.

Desgradado, Stryker olhou de relance para a confusão decadente. Estava ainda pior do que da última vez que ali se aventurara, há vários anos. As teias de aranha eram agora espessas e pendiam como cortinas que ligavam uma coluna à seguinte. Nenhum recipiente ou queimador permanecia intacto. Nenhuma estátua. O mármore outrora imaculado estava em pedaços sobre o chão de terra. Até a estátua principal no centro do templo onde os

adoradores de Apollymi se reuniam para lhe prestar homenagem estalara de tal modo que a estátua de Apollymi já não tinha braços ou coroa.

O seu rosto outrora belo estava contorcido num esgar de condenação e, no entanto, permanecia intenso e aterrorizante. Os seus olhos de mercúrio trespassavam a luz ténue.

De facto, a deusa da destruição há muito abandonara aquele local sem olhar para trás.

Maldição!

Não que isso importasse. Não poderia regressar a casa senão ao cair da noite. Por isso mais valia tentar aquilo. Não tinha mais nada a perder, a não ser seis anos de miséria.

Rezando por um milagre que duvidava que chegasse, Stryker avançou para o altar partido que se erguia aos pés da estátua quebrada onde a deusa se sentava num trono de ébano feito de crânios e rosas. Com os olhos de prata estalada, fitava-o como se conseguisse ver diretamente a sua alma.

Talvez conseguisse.

Dado que Stryker nascera de um deus e os havia visitado muitas vezes ao longo dos anos, nunca se sentira nervoso na presença de uma divindade. No entanto, havia algo nesta que o deixava extremamente desconfortável. Talvez fosse a sua reputação implacável.

Ou algo mais. Uma sensação de mau presságio que lhe dizia que a reputação dela não era nascida da soberba, como a do pai dele. Que a dela, na realidade, era subestimada.

Fosse como fosse, engoliu em seco e ergueu os braços para a invocar.

— Apollymi Magosa Fonia Kataastreifa... — Cortou o antebraço e realizou uma oferenda de sangue ao altar para a fazer saber que se tratava de um assunto muito sério. — Se me conseguires ouvir, minha deusa. Vim responder à tua invocação, e imploro a tua ajuda divina. Por favor, *akra*... preciso de ti e ofereço-te a minha vida, a minha alma e a minha espada. Para toda a eternidade.

Nada aconteceu.

Porque haveria de acontecer?

Ele era meio grego e ela o inimigo. Ao longo dos séculos, o seu povo tinha guerreado contra o dela. Porque haveria uma deusa atlante de se preocupar com o que acontecia consigo ou com os seus filhos quando o seu próprio pai não se preocupava?

*Já sabias que isto era uma treta. Não te devias ter dado ao trabalho.*

Desagradado com o facto de ter acreditado, nem que fosse por um

instante, que alguém, quem quer que fosse, o pudesse ajudar, avançou para as portas, determinado a encontrar um caminho de regresso a casa.

— Por que demoraste para vir até aqui, filho de Apolo?

Stryker estacou perante o som de uma voz feroz, mas melódica. Uma voz que o deixou arrepiado.

Quando começou a virar-se na direção da estátua, as portas do templo abriram-se de repente. Um vento feroz colou-lhe as roupas ao corpo e obrigou-o a agarrar a coluna ao seu lado para se impedir de ser lançado para os raios mortais do Sol. Das sombras escuras emergiram os contornos de uma mulher alta e graciosa.

Uma com olhos brilhantes feitos de redemoinhos de prata. Estavam repletos de uma raiva que se assemelhava à raiva no seu próprio coração.

Madeixas de cabelo de um louro alvo contorciam-se em redor do corpo dela como se tivessem vida própria. Ela parecia selvagem e feroz na forma de um fantasma ou espectro, o epítome da deusa implacável que supostamente era.

— Deusa Apollymi?

Ela revirou os lábios.

— Acreditas que alguém mais se atreveria a pôr um pé no meu templo e a desafiar a minha raiva?

Tendo em conta o temperamento dela? Só se fossem profundamente estúpidos.

— Agora responde à minha pergunta, cão grego!

Stryker fitou-a, olhos nos olhos, sabendo que esta deusa em particular não suportava a cobardia sob qualquer forma.

— Demorei-me porque pensei que me estavas a chamar para me matar. E peço por isso profundas desculpas, *akra*, caso a minha pressuposição esteja incorreta. Agora, vim pedir-te orientação e bênção. Entrego-me à tua mercê.

Ela riu-se. A gargalhada atravessou o templo como um trovão e fez parte do teto cair à volta dele, ameaçando a sua vida com mais luz do Sol enquanto esta se aproximava cada vez mais do seu corpo.

Mas ele estava suficientemente desesperado para não lhe prestar atenção.

— Por favor, *akra*. Venho implorar vingança contra o meu pai.

O riso dela desapareceu de imediato.

— Porque deveria acreditar em ti?

— Porque sou também o filho da rainha atlante que ele chacinou.

— Nunca conhecestes Xura. O teu pai tirou-te do seu ventre antes de teres

nascido, e foste criado na Grécia entre as suas sacerdotisas. Porque haverias tu de ter lealdade para com a tua mãe ou para comigo?

Stryker estremeceu perante a verdade. Mas havia muito mais do que isso. A sua infância nunca fora feliz. Na verdade, fora amarga e infeliz. Algo por que culpava o pai e lhe tinha ódio.

— Entre mulheres que viviam no terror do meu pai e dos seus estados de espírito caprichosos, e que não tinham qualquer amor por mim por causa dele. Apenas receio de que eu não me viesse a revelar um homem melhor do que aquele que me gerara. Garanto-te, *akra*, não tenho qualquer lealdade em relação a qualquer um deles. Nunca me deram nada que não fosse desgosto e infelicidade.

O vento aquietou-se enquanto ela deslizava um olhar desconfiado sobre o corpo dele. Fitava-o da cabeça aos pés como se tentasse compreender o seu carácter.

— Abordas-me com uma oferta de lealdade, ao mesmo tempo que me dizes que não és leal a ninguém?

Ela tinha razão. Era algo que ele nunca concedera a ninguém. O mais perto que estivera fora com Zephyra. A sua primeira esposa fora aquela ao lado de quem queria morrer. Até àquele dia, apenas a ela jurara fidelidade.

Mas o pai assegurara-se de que ele não tinha outra possibilidade que não fosse abandoná-la. Mais, Stryker fora obrigado a provocar em Phyra um ódio por ele.

— Admito livremente que sou inútil, *akra*. — Stryker inspirou fundo perante a verdade que não queria enfrentar. — Para ser sincero, pouco me preocupo comigo ou com qualquer outra pessoa... com exceção dos meus filhos. Eles são tudo aquilo que valorizo.

Ele rezou para que ela visse a verdade do seu coração nos olhos.

— E o meu pai amaldiçoou-os. Imploro-te, por favor, poupa-os, e farei *qualquer coisa* que me pedires. E é mesmo qualquer coisa. Toma a minha vida. A minha alma. O que quer que peças, farei sem hesitar. Mas não permitas que eles morram. Não assim. Não por algo em que não participaram. Uma vez mais, imploro-te, *akra*. E eu nunca implorei por nada. A ninguém.

— E foi por isso que te chamei, Strykerius. Sabia que podíamos chegar a um acordo. Que o teu ódio por Apolo seria suficiente para nos unir.

Com uma graciosidade esvoaçante, ela atravessou a divisão para se poder colocar à frente dele. Brilhava dela uma luz de tal modo forte que era quase ofuscante aos seus olhos *apollite*, que o obrigou a erguer a mão para os proteger.



Os dedos fantasmagóricos dela tomaram-lhe o queixo.

— Sim, Strykerius. Posso mostrar-te como viver para lá do tempo decretado por Apolo e contornar a sua maldição. Mas a cura é muitas vezes pior do que a doença. No entanto, se fores suficientemente corajoso, e conseguires suportar a sua provação, tu e os teus filhos terão vida eterna. Caminha ao meu lado e serve-me, e mostrar-te-ei como reclamar todo o mundo. Juntos, reconstruiremos o que eles destruíram. Luta ao meu lado e o mundo pertencerá uma vez mais aos deuses atlantes, e os gregos morrerão sufocados pela *nossa* raiva.

Os pelos na parte de trás do pescoço dele eriçaram-se perante aquelas palavras. Os negócios com os deuses nunca funcionavam bem para a parte mais fraca. Sabia-o melhor do que ninguém.

No entanto, pelos filhos, negociaria com os poderes mais sombrios existentes.

Com Apollymi.

— Farei o que dizes, *akra*. — Assegurava-se de que utilizava a palavra atlante para «minha senhora» para aplacar o seu ego. — Para sempre.

Um sorriso quente curvou-lhe os lábios enquanto ela fazia aparecer um belo cálice dourado. Com uma longa unha negra, abriu o pulso e sangrou nele. Em seguida ofereceu-lho.

— Bebe, *m'gios*. Se te atreveres. E revelar-te-ei o meu reino. Aí, tu e os teus filhos e o teu povo poderão viver onde a luz do Sol jamais vos prejudicará. A partir deste dia, serás como um filho para mim. Um membro do meu panteão e um deus atlante. Mostrar-te-ei a chave da destruição de Apolo, e juntos faremos o teu pai pagar e recuperarás tudo aquilo que ele te tirou.

Stryker tomou o cálice nas suas mãos frias e acenou com a cabeça.

— Eis ao futuro. Que não traga nada mais senão o sangue dos deuses e da humanidade para toda a eternidade.

29 DE JUNHO DE 9527 A.C.

**APOLLYMI** estacou ao ouvir a voz em pânico de Strykerius, a gritar pelo seu auxílio. No seu desprezível reino infernal de Kalosis, tudo estava agora calmo, ao contrário da ruidosa celebração que havia decorrido momentos antes.

Durante dias, os últimos elementos da raça *apollite* que tinham concordado em juntar-se a Strykerius na sua guerra contra a humanidade haviam descido até ali para escolherem as suas casas e começarem novas vidas naquele reino, onde a mortífera luz solar de Apolo jamais os poderia alcançar.

Enquanto se instalavam, Strykerius estivera ocupado com o nascimento dos seus filhos gémeos: os primeiros *apollite* a nascer depois da maldição do avô.

Agora havia algo de terrivelmente errado.

Teleportou-se para o lado de Strykerius, no pequeno templo ao lado do dela, onde ele e a esposa se tinham instalado. Hellen estava deitada na cama, ainda demasiado fraca, depois de ter dado à luz os filhos.

Enquanto a esposa segurava nos braços um dos filhos, Strykerius erguia-se, um pouco afastado, com Urian — o bebé que Apollymi arrancara do ventre de Bethany e colocara no de Hellen, para que a prostituta grega o pudesse dar à luz sem que ninguém conhecesse a sua origem. Era um segredo que Apollymi tencionava guardar, para sempre.

No entanto, pelo franzir de sobrolho que marcava o rosto de Strykerius,

Apollymi sabia que havia algo de errado com a criança que escolhera pessoalmente para ser a sua vingança sobre o mundo.

— O que se passa?

De rosto exangue, Strykerius inspirou fundo.

— Estamos a perder o meu filho.

A dor na voz dele comoveu o coração de Apollymi, e fez crescer a sua fúria. Urian *não* morreria. Apollymi jurara-o.

Sem que tivesse tempo de repensar as suas ações, tirou-lhe o bebé das mãos. Era muito mais pequeno do que o outro bebé, ao qual tinham chamado Paris. Devido ao desaire que fora combinar a força vital de Apostolos com a de Styxx, Apollymi recusara fazer o mesmo a Paris e Urian; não voltaria a repetir *esse* erro. Em vez disso, unira Urian aos ADN de Paris e Strykerius, apenas o suficiente para mascarar as origens do bebé, sem saber que Apolo os iria amaldiçoar poucas horas depois de ela o ter feito.

Infelizmente, profecia e previsão não estavam entre os seus poderes.

No entanto, agora que olhava para o pequeno que lutava por viver, perguntava-se se teria cometido um grave erro ao não unir a sua força vital com a do irmão gémeo.

Pois Strykerius estava certo. Ao contrário de Paris, Urian não estava a prosperar.

Olhou de relance para o irmão, que se afastava do seio da mãe e se agitava. Ocorreu-lhe um estranho pensamento.

— Quanto é que ele comeu?

— Nada. — Hellen engasgou-se com um soluço. — Nem Paris. Recusam-se ambos a mamar.

Apollymi queria praguejar contra a estupidez daquela mulher. Por outro lado, ela era grega. Esperar inteligência da parte dela era esperar demasiado.

— Eles não querem o teu leite, *humana* — disse-lhe, com desprezo.

Levou o indicador aos lábios e mordeu a ponta até abrir a pele. Depois colocou-o na boca de Urian.

Ele abriu os olhos escuros e começou a mamar do dedo, ao mesmo tempo que se acalmava. A cor regressava-lhe à pele.

Apollymi suspirou de alívio. Estava certa.

Apolo era um sacana.

Grata por ter salvado a criança, Apollymi retirou o dedo antes que o seu sangue transformasse ainda mais Urian. Para já, tinha tornado os seus olhos escuros azuis.

Aliviada com o facto de a vida lhe ter sido poupada, entregou o bebé a Strykerius.

— Ele precisa de beber sangue *apollite*. Ambos precisam. Devido à maldição, não conseguem sugar o leite do peito de uma mãe humana.

Strykerius suspirou de gratidão.

— Não tinha pensado nisso. Obrigado, *akra*.

Ela inclinou a cabeça.

— Diz aos outros que tenham recém-nascidos. O mais provável é que precisem de sangue juntamente com o leite das mães, mesmo que estas sejam *apollite*. A intenção do teu pai foi, sem dúvida, que os bebés perecessem.

Apolo era um cretino desumano.

As lágrimas encheram os olhos de Apollymi quando se lembrou de como encontrara o seu próprio filho...

Esventrado pela mão cruel de Apolo. Largado no mar, para servir de alimento aos animais.

Cerrou os dentes para se impedir de gritar, ao mesmo tempo que o seu desejo de vingança exigia que arrancasse o coração de Apolo e o devorasse. Algo que condenaria o mundo ao seu desaparecimento. E ela vê-lo-ia arder com satisfação. Destruiria com prazer todos os deuses existentes. Só isso aplacaria a dor do seu coração.

A destruição absoluta.

*Paciência, querida Braith. Paciência.* Akou aimassorai, ni adayakpa'ia: *embora seja eu quem sangra, não serei vergada.*

*Anekico ler aracnia:* Vitória para a aranha.

A única coisa boa em relação à maldição de Apolo era que os *apollite* envelheciam agora muito mais depressa do que os humanos. Urian não precisaria de dezoito a vinte anos para atingir a maturidade.

Alcançá-la-ia em apenas dez.

Depois estaria pronto para treinar para a guerra e ela enviá-lo-ia atrás do seu inimigo.

Um dia, Urian trar-lhe-ia a cabeça de Apolo.

E também lhe traria os seus filhos.